

Esse banheiro tem cheiro de que? Uma análise do “rito de caça” em um banheiro coletivo de Curitiba

Fabio José Martim



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1685>

DOI: 10.4000/pontourbe.1685

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

ISBN: 1981-3341

Refêrencia eletrónica

Fabio José Martim, « Esse banheiro tem cheiro de que? Uma análise do “rito de caça” em um banheiro coletivo de Curitiba », *Ponto Urbe* [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 04 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1685> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1685

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Maio 2019.

© NAU

Esse banheiro tem cheiro de que? Uma análise do “rito de caça” em um banheiro coletivo de Curitiba

Fabio José Martim

1 - Introdução

- 1 Quando falamos em espaço público, logo nos deparamos com uma questão: a quem pertence tal espaço e que tipo de padrão normativo pode ser esperado? Essas indagações prevalecem no tempo e como uma forma de incluir esses lugares denominados como "de todos" em uma nova perspectiva, demonstro nesse artigo que o espaço público pode sim fugir das regras heteronormativas que, de uma forma culturalmente concebida, impõem a todos os espaços uma forma de exclusão do homoerotismo.
- 2 O banheiro que me ponho a analisar é localizado em uma praça no centro de Curitiba, a Praça General Osório. Ela possui referência em Curitiba, não somente pelas suas feiras temáticas periódicas, que atraem milhares de pessoas para conhecer um pouco da cultura local e comidas típicas, mas também pelos garotos de programa.
- 3 A praça é palco da diversidade de árvores da cidade, que por sua vez, camuflam a prostituição recorrente no local. Garotos de diversas idades, orientações sexuais e posições sociais atuam no local, transformando o modo com que o público se relaciona com o espaço.
- 4 O banheiro que pretendo etnografar localiza-se dentro da praça, ao lado direito de quem está vindo da rua XV de Novembro. Em seu interior, para além de oferecer ao seu usuário a comodidade de usufruí-lo para o seu alívio de necessidades fisiológicas imediatas, ele também é cenário de um rito, que exclui o proferimento como forma de interação, mas que se utiliza de uma linguagem própria, onde seus participantes atribuem as ações performáticas, símbolos que, por sua vez, os integram a função social de encontrar, entre os demais, um parceiro para seus desejos de alívio sexual, que diverge da norma imposta em suas vidas cotidianas, onde alguns já estabelecem a transgressão.

- 5 Para entrar no banheiro, o frequentador precisa pagar uma taxa de conservação de R\$ 0,50. Esse pagamento é feito diretamente ao funcionário, que autoriza sua passagem pela roleta, dando acesso a uma pequena escada que desce meio andar, deixando o banheiro um pouco menos em destaque na praça. Ao final da escada, um umbral dá acesso ao banheiro, que mantém o verde predominante da praça, porém mais claro. O banheiro é dividido em duas partes mais as cabines. Na primeira parte estão as quatro pias que ficam frente a um grande espelho, que permite ao usuário que está lavando as mãos a visualização de toda essa primeira parte do banheiro, como também da escada de acesso. Na segunda parte, acessível através de uma abertura de mais ou menos um metro e meio, onde ficam os quatro mictórios divididos por uma divisória de mármore, com propósito de individualizar cada parte dessas, porém, sem muito sucesso. Nessa segunda parte também se encontram as quatro cabines, com privadas não muito conservadas.

Metodologia

- 6 O problema mais iminente que encontrei ao tratar da sexualidade de um grupo, que por mais apto a receber novos participantes que esteja, se fecha à pesquisa acadêmica, por tratar de assuntos tabus da sociedade contemporânea.
- 7 Segundo Foucault (1984), em sua hipótese sobre a repressão das atividades sexuais, o sexo, após o século XVII, sofre uma imposição do silêncio, sendo, a partir de então privado ao quarto dos pais, a fim de se estabelecer as formas normativas concebidas até a atualidade. Essa situação ocasionada pela restrição moral do falar de sexo, concomitante com outro fator normativo da nossa cultura ocidental, o da marginalização das interações homoafetivas, inibe os participantes a relatar os atos tratados no presente trabalho.
- 8 Com base nessa dificuldade do discurso dos atores do rito analisado, usarei as teorias de J. L. Austin [1990 (1966)], que, ao definir o ato de dizer, identifica o proferimento performativo, em que toda uma situação simbólica é capaz de ser interpretada como uma expressão das informações e que, apesar da fala conter os instrumentos mais usuais da comunicação, ela faz parte de todo um contexto, que pode ser entendido por si só. Segundo essa teoria, o falar dentro de um proferimento performativo, seria a afirmação do ato, podendo ser entendido de outras formas tácitas.
- 9 A discussão que tento abrir quanto à metodologia é se a antropologia necessariamente deve utilizar a linguagem formal para compreender os fenômenos e símbolos que organizam determinados grupos, sendo que tal forma de expressão é considerada dentro deste mesmo determinado ritual como uma forma de relação pessoal, que por sua vez fugiria do pacto, ao menos que seja proferido apenas o indispensável para o sucesso do ato. Isso se dá, pois existem poucas regras de delimitação quanto a participação no grupo, logo, seus participantes nem sempre se identificam com relacionamentos homoafetivos causando um desacerto e infelicidade na realização do ato sexual.
- 10 Um ponto conceitual que pretendo incluir nesta pesquisa, a fim de desmistificar as ações de procura de parceiros para alívio sexual como uma prática estritamente homossexual, entrando na discussão de Victor W. Turner (1974) sobre "O Processo Ritual", situando essas determinadas práticas como extracotidianas, podendo assim, não ter relação direta com o reconhecimento de enquadramentos das orientações sexuais estabelecidas.
- 11 As pesquisas de campo foram feitas nos meses de maio, junho e julho de 2013, antes e durante as feiras temáticas, em dois períodos diferentes, à tarde e à noite. A minha não

identificação para os demais foi crucial para o sucesso da observação, pois o ritual pode acontecer como o esperado.

Quando dizer é fazer, uma teoria de Austin [1990 (1966)] como instrumento de análise

- 12 Segundo Austin [1990 (1966)], os proferimentos performativos não têm apenas o propósito de registrar ou transmitir uma informação direta acerca dos fatos, ou melhor, eles não têm a intenção de apenas declarar algo (passível de ser verdadeiro ou falso), pois a sua emissão realiza uma ação, sendo assim, a comunicação se dá como um complemento do ato total.
- 13 Essa teoria afirma que o dizer não consegue alcançar todas as dimensões de ato completo, mas que esse ato, usando ou não os meios linguísticos de comunicação, consegue realizar a ação, assim como se expressar.
- 14 O ato da fala se caracteriza por uma tríplice: ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O ato locucionário é a forma usual de aceção do "dizer algo". Entendendo-se por dizer algo como o ato de expressar-se, sendo imprescindível a emissão de certas palavras, sendo uma formulação coerente para combiná-las, com determinada entonação e referências, a fim de alcançar um "significado" comum. Essa dimensão é classificada por Austin como dimensão locucionária do ato linguístico. Os ilocucionários são atos que têm uma força convencional que está para além da comunicação formal, como por exemplo, aconselhar, ordenar, protestar. Esse ato identificado quando exercemos algo ao falar, e não somente difundimos uma ideia. No terceiro caso, o ato perlocucionário é uma consequência do ato da fala. Quando falamos, produzimos efeitos sobre sentimentos e pensamentos das pessoas ouvintes ou de terceiros, como irritar, obrigar, vencer, impedir e confundir.
- 15 Esta análise busca identificar nos atos de expressão dos usuários do banheiro público, que excluem a palavra como forma normativa de diálogo, pois a comunicação perpassa a linguagem falada, a troca de informação, interação e sucesso ou infelicidade na conclusão do ato sexual dos participantes do espaço.

"O processo ritual" de Victor Turner (1974)

- 16 Os símbolos possuem muitos significados, abrindo margem para variadas interpretações, mas segundo Turner, o que caracteriza um ritual, antes de qualquer coisa, seria a oposição binária, tendo esses símbolos um significado unívoco, e formam uma oposição dentro do determinado rito.
- 17 Segundo essa teoria, coloco como dualidade as interações sexuais entre ativos e passivos. Essa dualidade não se estende aos demais usuários do espaço, sendo somente os integrantes do rito passíveis de tal classificação, que não discutirei nessa pesquisa.
- 18 As dualidades estabelecidas estão presentes em várias formas, além das interações sexuais. O uso para necessidades fisiológicas imediatas também se contrapõe à prática analisada; considerarei então, como uma dualidade para todos os frequentadores do espaço, a "formalidade" do uso banheiro, com o uso "social" do mesmo.

- 19 A liberdade sexual que se estabelece dentro do local, transgride a realidade da relação dos atores sociais com a temática. Segundo Foucault (1984), a sexualidade tem seu espaço reservado dentro da casa, sendo privado aos participantes da prática, não sendo algo a expor. No entanto, no banheiro, o acesso a um segundo corpo masculino é muito livre, e quando esse está, de alguma forma, se expondo para você, essa oposição de interação com o corpo alheio, mesmo que sem a participação do ritual, é muito grande. Essa transgressão das normas e um maior acesso ao segundo corpo dentro do banheiro é muito clara a ponto de incluir os usuários formais do espaço, que de certa forma, são convidados à prática.
- 20 Essa liberdade sexual, além de uma dualidade com a realidade, ficando mais aparente pelo ritual recorrente do local, é um símbolo importante para o estabelecimento do espaço geográfico, pois a sexualidade fica à mostra e essa situação é concebida com naturalidade.

Regras de participação.

- 21 A primeira regra para participação do ritual é o sexo. O banheiro é diferenciado por masculino e feminino, e uma vez que o rito acontece em um recorte específico desse espaço, no banheiro masculino, a prática é restrita aos usuários de sexo biológico masculino, cobrindo os mais variados gêneros.
- 22 Os garotos de programa, apesar de estarem presentes em vários momentos dentro do espaço durante todo o dia, não os incluirei nas relações sexuais como participantes do ritual, uma vez que eles seguem com propósitos diferentes dos demais atores do processo.
- 23 As preferências pessoais também são meios classificatórios para o rito. Nessa classificação, os estereótipos de beleza ocidental entram em vigor, pela sua influência na noção do que é belo.
- 24 Dentro do banheiro, o que define a felicidade na efetivação do ato é a disponibilidade e o nível de intenção em se relacionar com parceiros do mesmo sexo. Essa noção da estética como uma forma classificatória não pode ser ignorada, mas não contempla a realidade total do rito.

Quem caça e como caça.

- 25 Os participantes são das mais variadas idades e tipos físicos, não existindo uma predominância de determinados estereótipos. No entanto, os atores com mais idade tendem a permanecer mais tempo no espaço em busca de seu parceiro sexual.
- 26 Dentre os mais novos, existe uma recorrência grande entre os garotos de programa, que normalmente são identificados pela sua indisposição em “caçar” dentro do banheiro, mas estando ali disponíveis o tempo todo, esperando que algum candidato os procure. Outro ponto que os identificam, é pelo círculo hermenêutico que se forma pelos participantes dentro do espaço.
- 27 Nas visitas, eu sempre tentava colocar-me como um caçador, mas não me mostrava disponível aos interessados, sendo assim, permanecia por um tempo maior dentro do banheiro sem ser notado como um pesquisador da prática, no entanto em vários momentos percebi que os integrantes se conheciam para além do rito. Em uma das vezes eu pude escutar um dos rapazes que estava utilizando o último mictório, mostrando o seu

falo aos que chegavam, e em um dado momento ele falou a outra pessoa que ele viu: “Oi, João.”; no mesmo momento, uma resposta amistosa porém com um ar de manter a silêncio do espaço, João respondeu: “Olá”. Os atores do rito, como pessoas que recorrem a tal prática em vários momentos da semana, ou mesmo do dia, acabam por conhecer os mais assíduos, no entanto, não precisam obrigatoriamente estabelecer com os demais relações de amizade. Em outros momentos, pude perceber que os participantes se conheciam os demais, pois em muitos casos eles se cumprimentam de forma rápida, sem intimidade.

- 28 Sempre que eu entrava no banheiro percebia que até mesmo esses cumprimentos, por mais sem intenção que se mostrem, às vezes eram uma forma inicial de abordagem dos interessados. Predominantemente, essa abordagem acontecia de forma mais usual na primeira parte do local, onde ficava o espelho e, por ficar um pouco à vista dos transeuntes na praça, a caça era mascarada. Com base nisso, os cumprimentos dentro do espaço podem ser concebidos de várias formas, sendo assim, não existe uma relação direta entre reconhecimento de um terceiro ou da intenção de realização do ato para a efetivação dessa abordagem.
- 29 Quanto a essas questões, outra dualidade dentro do ritual que ficou clara foi a forma de participação dos integrantes do rito. Nesse ponto, pretendo analisar as formas que determinados atores utilizam a fim de se estabelecer as relações sexuais. Essa dualidade é muito clara dentro do espaço, por isso pretendo conceituá-la com a intenção de utilizar como um instrumento de meus próximos trabalhos.
- 30 As análises que pude fazer através do exercício etnográfico poderiam percorrer por muitos âmbitos. Apesar de o ritual ser um recorte muito pequeno da realidade de Curitiba, da vida sexual, da utilização do espaço público, dos espaços corriqueiramente gays, e mesmo dos utilizadores do banheiro público da Praça Osório, ele ainda é muito grande pois a prática sexual contempla várias etapas de conquistas e efetivação do ato. No entanto, nessa pesquisa darei um enfoque maior para essa dualidade nas formas de encontrar um parceiro sexual.
- 31 Algo que ficou muito aparente durante todas as visitas é quanto à disponibilidade ou não na efetivação do ato, onde alguns participantes se põem mais seletivos, em busca do parceiro e outros mais disponíveis, de certa forma, aos que os escolherem. Aos que se colocam de uma forma mais clara na participação do rito eu os chamarei de “Caçadores Evidentes” em oposição aos que estão com a mesma intenção no ritual, porém utilizam formas menos claras, ficando menos evidente aos que não se incluem no círculo hermenêutico, que chamarei de “Caçadores Efetivos”.
- 32 As classificações que pretendo formular nesse trabalho não conseguem abranger a diversidade da caça, por isso coloco-as como um tipo de classificação puramente teórica.

Caçadores Evidentes

- 33 Quando fui pelas primeiras vezes no banheiro, o forte cheiro de sexo que pude sentir, misturava-se com o de lavanda dos produtos de limpeza utilizados no local. Porém, o sexo era resultado de todo um processo, que mantinha suas classificações, diálogos gestuais e conquista do corpo alheio através da comunicação tácita no espaço.
- 34 O primeiro convite à prática que recebi foi, inclusive, em minha primeira visita ao local. No momento eu acreditei que as pessoas que estavam no mictório, se mostrando de

formas variadas para mim, representavam o todo da relação que se estabelecia dentro do banheiro.

- 35 Esses, ao qual incluo nesse tipo puro de classificação, efetivam a conquista de um parceiro sexual de uma forma bem clara aos demais indivíduos que visitam o banheiro. Eles geralmente estão frente aos mictórios, estimulando seu membro e mostrando-o para os demais como uma forma de convite para a participação. Essa é uma forma usual para o sucesso do ritual, sendo esses espaços concorridos, uma vez que, por ter apenas quatro lugares destes dentro do banheiro, apenas dois podem ser usados pelos caçadores evidentes, pois precisam ser posicionados intercaladamente, para que os que estão "afim" desses caçadores possam ter um espaço para se juntar e comecem a comunicação gestual.
- 36 Apesar de este espaço geográfico ser concorrido pela sua discricção privilegiada, pois não pode ser visto por quem não pretende usá-los ou usar os guichês, não limita a participação desses caçadores, pois a relação da atuação dos mesmos, dentro do ritual, é de se disponibilizar claramente e relacionar os seus convites de efetivação do ato com seus falos. Principalmente no mictório e também na primeira parte do banheiro, os caçadores evidentes estimulam seus pênis em busca de convidar os demais participantes. Sendo a aceitação para esse convite, um toque ou acariciamento do mesmo, no próprio local ou um segundo convite para se encontrarem nas cabines.
- 37 As relações que esses caçadores estabelecem com seu falo não os relacionam com a posição de ativos ou passivos em suas relações sexuais, pois a comunicação dentro do banheiro segue após a conquista do parceiro sexual, sendo essa troca de informações que definiram tal posição.
- 38 Os caçadores evidentes ficam numa posição que os deixam mais à mostra no rito, o que possibilita mais chances de conseguir um acompanhante. O convite emitido pelo caçador evidente é recebido pelos demais atores do rito, que ao verem conveniência, se posicionam lado a lado, ocupando o espaço de mictório que estiver disponível e começam a estabelecer os primeiros contatos com o corpo do parceiro. O toque no falo do caçador evidente se torna uma aceitação mútua da escolha do parceiro, mas ainda não define as preferências de posição sexual; isso será estabelecido com outros códigos que seguiram as formas de "proferimento performativo", segundo Austin [1990 (1966)].
- 39 Esse caçador fica muito aparente de sua relação com o espaço, pois fica claro a todos a sua intenção, mesmo aos que não pretendem participar, até mesmo aos que não sabem da prática.

Caçadores Efetivos

- 40 Na primeira vez que estive no banheiro havia três pessoas utilizando os mictórios e duas cabines dos banheiros estavam ocupadas: a primeira e a última. Como pretendia saber o que estava acontecendo lá dentro, entrei na cabine ao lado. Em uma delas não consegui escutar nenhuma movimentação, provavelmente quem a utilizava não estava fazendo nenhuma interação mas na última cabine pude ouvir duas pessoas, gemendo discretamente, para que os funcionários não percebessem. Em várias das minhas visitas pude presenciar tal fato, e em mais da metade das vezes, pelo menos dois banheiros estavam sendo usados para a prática sexual.

- 41 Nessa primeira visita, não encontrei muitas pessoas caçando no banheiro, apenas os que se posicionavam nos mictórios. Fui então para a primeira parte do banheiro. Lá encontrei o mesmo rapaz que já estava lavando as mãos, desde o momento em que eu tinha entrado no banheiro, ou seja, há pelo menos 20 minutos. Num primeiro momento, ele me parecera como alguém que procurava pelo uso formal, mas neste momento, por eu saber das práticas que ali aconteciam, percebi o motivo de sua permanência.
- 42 No meio da caça em banheiros públicos, não somente têm sucesso na efetivação do ato sexual os que se colocam totalmente à disposição de um sexo rápido e fácil, exposto como um corpo aos que chegam com a mesma intenção. No entanto, por sua maior disponibilidade, esses são mais visíveis a todos os usuários do banheiro, tendo grande chance de sucesso.
- 43 O caçador efetivo também está com o mesmo propósito, mantendo as mesmas relações com o espaço, porém não fica se exibindo a qualquer pessoa que chega. Esse caçador busca um parceiro que o agrade. Sendo assim, não fica em espaços que deixe clara a sua participação aos que utilizam o banheiro, pois não está disponível a qualquer parceiro.
- 44 Apesar de não deixar explícito, a sua participação no rito é muito evidente aos que ali estão. Esses caçadores não se limitam ao espaço geográfico do banheiro, mas o utilizam como um lugar da efetivação do ritual.
- 45 A característica que acentuarei nesse tipo de classificação é quanto a sua discríção em todo o processo de conseguir um parceiro. Na verdade essa discríção aparente é somente aos que não o interessam. O caçador efetivo está muito apto à conquista do parceiro e o faz de forma muito ativa, flertando, encarando e até mesmo abordando os possíveis candidatos.
- 46 A busca pelo parceiro sexual do efetivo se dá de dentro do banheiro, a procura de se relacionar no próprio espaço, também para manter interações fora do banheiro ou para trazer pessoas de fora para dentro a fim de estabelecer relações sexuais.
- 47 A caça dentro do banheiro é clara ao receptor, em forma de flerte ou de um toque, quando estão em busca pelo caçador evidente, posicionando-se preferencialmente na primeira parte do banheiro, onde controlam todos que entram e que saem, tendo duas oportunidades de abordagem do usuário. No entanto, o caçador evidente nem sempre procura somente por um sexo rápido, pois em algumas oportunidades, percebi que a caça deles pode também ter o objetivo de encontrar um parceiro de uma duração um pouco maior.
- 48 Na minha terceira visita, quando eu ia sair do banheiro, um dos rapazes olhou fixamente para mim, dando sinais de interesse. Eu, rapidamente, correspondi ao olhar com um sinal para que ele saísse. Não obtive sucesso, pois seria a via que pensei para conversar com algum participante, porém em outro momento, vi dois rapazes se olhando, e logo saíram do banheiro juntos e ficaram na praça conversando por um tempo.

A comunicação além da linguagem

- 49 A etnografia busca compreender as interações sociais de determinados grupos. Algo que se torna imprescindível ao pesquisador é o entendimento da linguagem desse grupo.

- 50 A caça que acontece em um “banheirão”, como é popularmente conhecido, tem sua linguagem própria, que é entendida pelo público que participa do ritual como uma forma de trocar informações necessárias para o sucesso na efetivação da ação.
- 51 O ato necessita de informações prévias para que ambos saiam satisfeitos, sendo elas a posição sexual de preferência do parceiro e intenção de participar do processo.
- 52 Segundo uma entrevista que consegui com um dos participantes da “pegação”, o toque, quando direcionado para as partes sexuais específicas, significa a posição que esse pretende executar durante o ato sexual.
- 53 O passivo, por utilizar o ânus nas suas relações, tende a direcionar os seus parceiros a tocar próximo a sua “bunda”. Ao contrário, os que preferem relações sexuais ativas, direcionam os toques ao seu falo, dificultando ao extremo que seu parceiro toque nas suas partes traseiras.
- 54 Como o próprio entrevistado relatou “mas a maioria busca os dois, tanto comer como dar, então, onde o outro pegar, tá bom”.
- 55 O ato performativo, segundo Austin [1990 (1966)], possui algumas condições para sua execução, para que não haja um desacerto (1) deve existir um procedimento convencionalmente aceito, (2) executado por pessoas adequadas, (3) corretamente e (4) por completo. Quanto aos abusos ocasionados pelo ato, ele segue dizendo que (5) os participantes devem ter a intenção de conduzir o procedimento de forma adequada e (6) realmente conduzi-la de tal forma. A comunicação falada, no entanto, é um complemento para o sucesso da ação, no entanto, não representa o ato em si e por isso, em algumas ocasiões, se mostra dispensável.
- 56 Essa formulação de um ato performativo completo pode ser verificada pelas interações no banheiro, onde a ação se efetiva e a linguagem, por ser um mero complemento, é dispensada, além de se mostrar como uma relação um pouco mais aprofundada do que o simples sexo, pois é uma troca de informações desnecessária para o rito.

Conclusão

- 57 O sexo e a homossexualidade têm suas práticas marginalizadas pela nossa cultura ocidental. No entanto, eles existem e estão presentes em nossas vidas.
- 58 Banheiros públicos e coletivos oferecem uma liberdade de interação com o corpo alheio muito maior do que em nossa realidade reprimida. Com suas libidos afloradas, o sexo nesses determinados espaços oferece uma pequena liberdade aos que decidem praticá-lo, pois esses não estão à mostra de qualquer pessoa, e também porque essas práticas não caracterizam na sua vida social, etiquetas com relação a sua orientação sexual.
- 59 A “pegação” nesses espaços não determina tal orientação, pois os participantes não precisam se reconhecer na posição de homossexual para buscar um simples alívio sexual.
- 60 Esse ato de “caçar” se põe como algo que distorce o cotidiano dos participantes. Conceituei como um ritual, pois além de haver regras específicas de participação, pode ou não se refletir na vida desses integrantes.
- 61 Nesse ritual de interação, a linguagem dá lugar aos gestos e sentidos, sendo ela dispensável para a comunicação no local, onde abre uma das questões principais do texto. De que forma a antropologia, com suas análises etnográficas pode interpretar a forma de organização de determinados grupos sem a utilização da linguagem falada?

BIBLIOGRAFIA

- AUSTIN, J. L. 1990 [1966]. Quando dizer e fazer: Palavras e ação. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- BENITEZ, María Elvira Días. 2007. “Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio”. Cadernos de campo, São Paulo, n.16, p. 93-112.
- FOUCAULT, Michel; ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa; ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. 1984. História da sexualidade I: vontade de saber. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- GARBER, Marjorie; CALADO, Alves. 1997. Vice-versa: e o erotismo na vida cotidiana. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- PAIVA, Maria Arair Pinto. 2000. Espaço público e representação política. Rio de Janeiro: EDUFF - (Editora da Universidade Federal Fluminense).
- TURNER, Victor Witter. 1974. O processo ritual; estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda.

AUTOR

FABIO JOSÉ MARTIM

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná UFPR